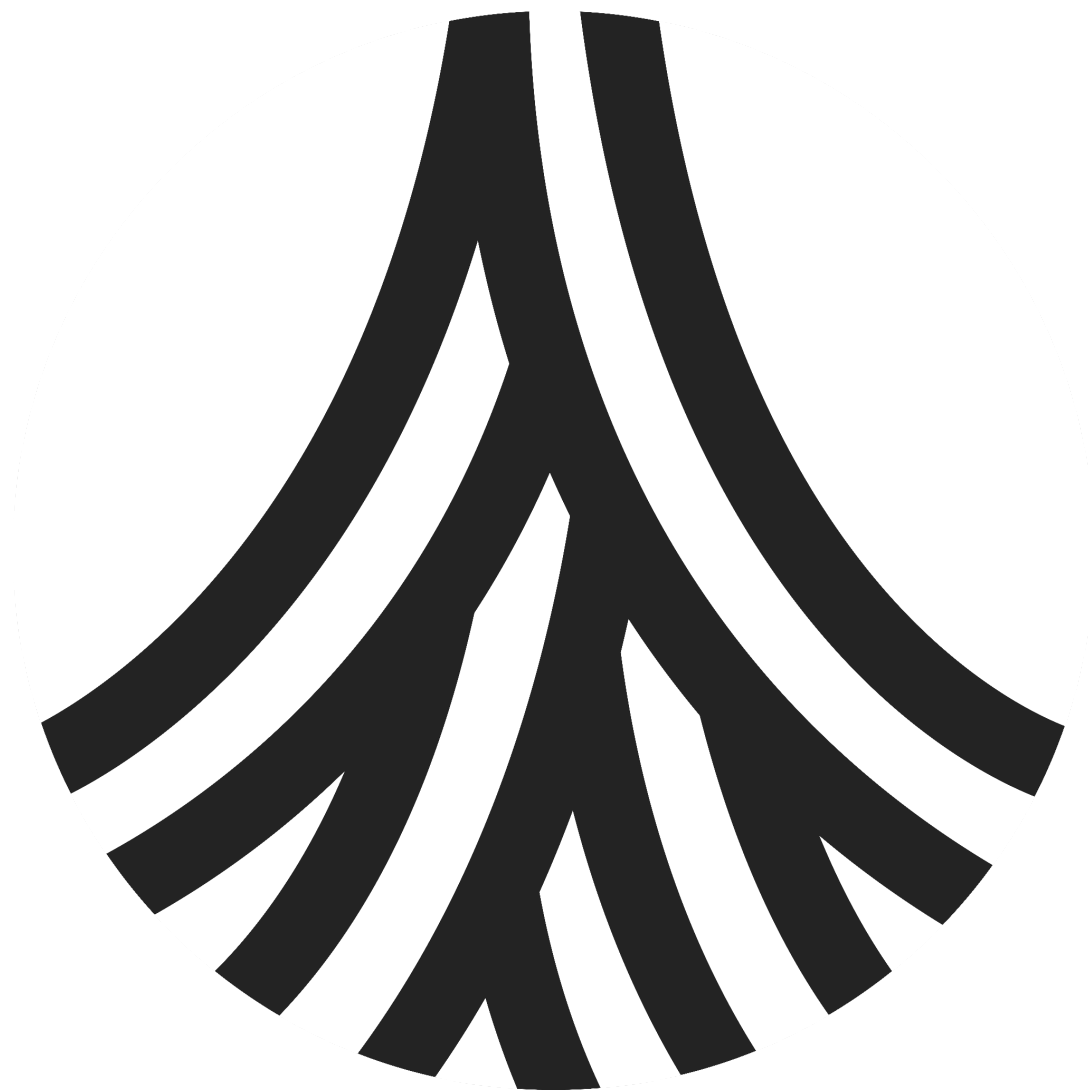




mão na terra

Comunicação Popular como ferramenta de luta

produzido por Instituto aProteja.org | última atualização abril 2026



a proteja
o futuro se faz em luta

material aberto

Esta cartilha de apoio está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Você pode:

Compartilhar: copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato
Adaptar: remixar, transformar e criar a partir do material

O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Sob os seguintes termos:

Atribuição | Você deve dar crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazer isso de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou o seu uso.

Não Comercial | Você não pode usar o material para fins comerciais.

Compartilha Igual | Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você deve distribuir suas contribuições sob a mesma licença que o original.



chega mais

Queres dialogar com a gente sobre este material ou outros assuntos entre em contato pelo canais:



contato@aproteja.org



(92) 9442-7322

Acesse nosso site aproteja.org e conheça outros trabalhos desenvolvidos por nós

índice

a Proteja.....	4
nossa jornada.....	4
o chão que caminhamos.....	5
disputas de sociedade.....	6
comunicação popular como prática de luta.....	7
princípios da prática.....	8
Contra-narrativas.....	9
Estrutura Política e Organização Coletiva.....	10
Informar, formar e mobilizar, fortalecendo as bases políticas.....	11
modos de trabalho.....	12
Modo Emergencial.....	14
Modo Estratégico.....	15
Modo Operacional.....	16
mão na terra.....	17
Comunicação, Narrativa E Notícia.....	18
Redes e Circulação.....	19
Cuidados Digitais.....	20
Plano de Cobertura.....	21

a Proteja

Somos uma organização que atua há mais de 10 anos na linha de frente do fortalecimento das lutas populares por terra, território, culturas e modos de vida. Desde 2015, desenvolvemos estratégias integradas de comunicação popular, gestão organizacional e articulação em rede, sempre a partir da escuta e do compromisso com os territórios e movimentos com os quais caminhamos.

Nossa prática é orientada por uma ética multidimensional: cuidamos da forma como nos relacionamos, da maneira como produzimos e da coerência entre os valores que defendemos e as estratégias que aplicamos. Trabalhamos com base em relações de confiança, não hierárquicas, construídas na convivência cotidiana, no trabalho de base e no fortalecimento mútuo.

nossa jornada

O material que você está lendo agora faz parte da nossa trajetória de mais de uma década de lutas, tendo a comunicação popular como prática central nessa construção.

Esta cartilha foi pensada como material de apoio para atividades formativas e para contribuir com discussões e ações. Sem cagação de regras ou querendo organizar um material que dita o certo e errado. Não somos ‘os que ensinam’, compartilhamos nossos aprendizados com respeito, pedindo licença e em solidariedade, para somar esforços.

Nós buscamos fortalecer o debate político e formativo sobre a comunicação, contribuindo com grupos aliados por meio de processos de troca.

A cartilha ‘Mão na Terra’ teve sua primeira edição no contexto das ações realizadas com a Jornada de Comunicação Popular, entre os anos de 2023 e 2024. Essa construção parte do objetivo de fortalecer e debater a comunicação popular junto às organizações aliadas, abrindo espaço para reflexões e construções coletivas conectadas a cada realidade, luta, pauta e forma própria de organização.

Cada encontro e aprendizado contribuiu para desenvolvermos nossa forma de organizar a nossa prática, o que também podemos chamar de metodologia.

Esta edição, de 2026, reafirma uma compreensão central para nós, de que a comunicação faz parte da organização política e da formação crítica, fortalecendo as lutas sociais ao informar, formar e mobilizar.

Entendemos que a comunicação participa da forma como nomeamos a realidade, construímos memória, compartilhamos leituras de contexto e ampliamos a capacidade de incidência política. Quando povos, comunidades, movimentos e coletivos constroem suas estratégias de luta reconhecendo e fortalecendo suas próprias narrativas, vão além do ato de informar e passam a disputar a sociedade, afirmando suas existências e seus modos de vida.

A comunicação popular é o chão que nós pisamos, e é um prazer saber que este material pode fortalecer a caminhada que você está percorrendo.

o chão que caminhamos

PARA ALÉM DA PRÁTICA, POR QUE PRECISAMOS DEBATER A COMUNICAÇÃO?

A comunicação popular, para nós, é um caminho que se faz andando, ou como gostamos de dizer, um chão que só se revela quando pisado com o cuidado da escuta e o compromisso da luta política. Essa compreensão orienta nossa prática e nos afasta de qualquer lógica de receita pronta ou técnica replicável, sem atenção às diferentes realidades que exigem adaptações.

A metodologia que compartilhamos nesta cartilha, como material de apoio a processos de aprendizagem, nasce desse mesmo chão que sustenta a atuação da Proteja desde 2015. Atuamos orientadas pela Educação Popular e pela Comunicação Popular, entendidas como práticas vivas, construídas no encontro entre pessoas de diferentes territórios e movimentos, sempre conectadas às lutas sociais concretas. Chamamos essa metodologia de “O Chão que Caminhamos” porque ela se constrói no próprio percurso, guiada pela escuta e pelo compromisso político.

Reflexão que orienta a prática. Nossa compreensão sobre comunicação se formou na prática. Foi sendo construída em oficinas, assembleias, campanhas, coberturas, momentos de crise, formações, rodas de conversa e processos de planejamento. Nesse contato direto com sujeitos coletivos em luta, fomos entendendo que prática e reflexão caminham juntas e se fortalecem mutuamente.

Nesse caminho, entendemos a comunicação como prática de liberdade. Ela não se limita a um produto a ser entregue, mas se afirma como um campo onde se fortalece organização e pensamento crítico. Nossa metodologia se constrói nesse mesmo sentido, como quem cultiva junto, caminhando lado a lado com quem sustenta as lutas.

A comunicação faz parte da própria luta e resistência. Ela está presente quando se compartilha a palavra, se fortalece a identidade coletiva, se organiza a memória, se denuncia uma violência, se convoca uma mobilização e se afirma um projeto de futuro. Por isso, ela se integra à organização política e não pode ser tratada como algo separado.

É importante entender que cada organização social traz seus ritmos, suas urgências, seus modos próprios de organização e suas formas de traduzir o mundo. A comunicação popular pede escuta e respeito a essa diversidade. O caminho se constrói junto, a partir do que já existe, considerando as condições e escolhas de cada processo.

A forma como comunicamos importa, porque carrega sentidos. A comunicação popular não está apenas no conteúdo que circula, mas no jeito de fazer. Ela se expressa na escuta, no compromisso com as bases, no respeito aos tempos coletivos e no cuidado com o que se registra e compartilha. Produzir comunicação é também sustentar coerência com a luta que se busca fortalecer.

disputas de sociedade

COMUNICAÇÃO CONSTRÓI SENTIDOS E CAMINHOS DE LUTA

A comunicação participa da forma como compreendemos a realidade. Ela nos ajuda a nomear as coisas e construir nossos sentidos sobre o mundo. Comunicar envolve escolhas e marca a posição sobre nossos valores, e por isso integra um campo de disputa que atravessa a vida social. A sociedade se organiza a partir de diferentes grupos, que vivem condições distintas e constroem projetos diferentes de futuro. Nesse cenário, a comunicação atua como ferramenta que pode sustentar desigualdades ou fortalecer processos de transformação. A ideia de uma comunicação totalmente objetiva desconsidera que toda mensagem parte de um contexto, de uma história e de escolhas éticas e políticas. Na comunicação popular, assumir esses compromissos fortalece a coerência com as lutas e com os sujeitos envolvidos.

NÃO EXISTE IMPARCIALIDADE NA COMUNICAÇÃO

Achamos importante reforçar essa compreensão porque, em muitos espaços de ensino sobre comunicação, ainda se propaga a ideia falsa de imparcialidade. Essa lógica ajuda a manipular públicos e ocultar interesses políticos e econômicos presentes nas narrativas. Isso fica evidente em coberturas sobre reintegrações de posse ou ocupações, em que muitas vezes as lutas são tratadas como problema e acabam criminalizadas, enquanto a institucionalidade aparece como referência legítima da “verdade”, sem explicitar os interesses de grupos políticos e econômicos. Assim, se constrói a ideia de que, quando existe uma decisão judicial, quem ocupa está errado e cometeu crimes.

A disputa de classes também se expressa nesse campo de construção de sentidos. De um lado, projetos que concentram poder político e econômico, baseados no controle da terra e das riquezas. Violências passam a ser tratadas como rotina, desigualdades ganham aparência de mérito e interesses econômicos se apresentam como inevitáveis, sustentando uma leitura de mundo que favorece esses grupos. De outro, povos, comunidades e trabalhadores constroem formas próprias de organização social e resistência. Ao produzirem suas próprias narrativas, afirmam presença e criam outros sentidos sobre a realidade. Esse movimento fortalece a memória, identidade e projeto político, abrindo caminhos para a organização coletiva. A comunicação atravessa essa tensão ao dar visibilidade e força a essas diferentes perspectivas, influenciando os sentidos que ganham espaço na sociedade.

Disputar a sociedade envolve disputar narrativas. Esse movimento afirma outras leituras de mundo e outras formas e caminhos de existir possíveis. Quando movimentos sociais constroem sua própria comunicação, ampliam sua capacidade de intervenção, fortalecem suas bases políticas e colocam seus projetos em circulação. A formação desse campo de disputa começa cedo e atravessa diferentes espaços da vida. A percepção sobre o que é possível, desejável ou legítimo se constrói na escola, na família, na igreja, na rua, na cultura e também nos meios de comunicação e nas plataformas digitais. A comunicação se conecta com a cultura e participa diretamente da formação do imaginário. Quem concentra os meios de circulação da palavra e da imagem ganha mais força para definir o que aparece, o que deixa de aparecer e o que passa a ser visto como natural.

Comunicar envolve estratégia. A comunicação constrói caminhos de mobilização e transformação ao articular informação, formação e organização das lutas. Experiências como a do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra mostram como a comunicação amplia a capacidade de ação dos movimentos, dá visibilidade aos projetos políticos construídos nos territórios e fortalece processos que atuam na transformação da sociedade.

comunicação popular como prática de luta

A comunicação popular se constrói a partir das lutas, das organizações sociais, dos territórios, das comunidades e dos sujeitos coletivos que historicamente enfrentam processos de violência. Ela expressa uma escolha política que vai além do conteúdo em si e coloca em debate de onde se fala, com quem se fala e a serviço de qual projeto de mundo a comunicação se orienta.

A comunicação popular, em muitos momentos, também é chamada de comunitária ou alternativa. Esses nomes ajudam a identificar práticas que se diferenciam dos meios dominantes, mas não dão conta de toda a sua dimensão. Essa comunicação envolve mais do que canais independentes. Ela se afirma como prática que fortalece organização, mobilização, memória, articulação e transformação social, articulando informação, formação e ação coletiva.

Essa forma de comunicar não começa e nem termina com as plataformas digitais. Ela vem de muito antes. Os povos sempre criaram maneiras próprias de comunicar, convocar, alertar, ensinar e celebrar. Cantos, sinais, histórias, rituais, pinturas, corpos e instrumentos fazem parte dessa construção coletiva. A comunicação de luta se conecta com esse chão mais antigo e segue se reinventando no presente.

NOSSO PAPEL NÃO É DAR VOZ A NINGUÉM, COMO SE ESSA VOZ NÃO EXISTISSE ANTES

Nesse caminho, a comunicação fortalece vozes que já existem. Ela cria condições para que essas vozes circulem com mais força de alcance e sejam amplificadas/reverberadas com mais protagonismo. Esse processo pede escuta, compromisso com as bases políticas com o uso de linguagem acessível e coerência entre o que se diz e a forma como se faz.

A comunicação popular também sustenta dois movimentos que caminham juntos. De um lado, denuncia violências, desigualdades e ataques que atingem povos e territórios. De outro, anuncia conquistas, saberes, resistências, horizontes e modos de vida. Essa combinação mantém viva a capacidade de mobilizar, fortalecer e projetar caminhos coletivos.

princípios da prática

Ao longo da nossa trajetória, fomos entendendo que afirmar a importância da comunicação popular também envolve olhar para como ela se constrói na prática, com quais compromissos, com qual ética e em diálogo com as formas de organização dos sujeitos que estão envolvidos. Foi a partir desse processo que organizamos princípios que hoje orientam nossa atuação.

Esses princípios nasceram da caminhada, como reforçamos no capítulo O Chão que Caminhamos, desta cartilha. Essa construção se deu a partir das ações que fomos reconhecendo em oficinas, campanhas, formações, momentos de crise, mobilizações e processos de planejamento. Eles integram nossa metodologia e ajudam a dar nitidez ao jeito como construímos a comunicação junto a movimentos, organizações, coletivos e comunidades.

A partir dessa compreensão, organizamos três princípios que orientam a construção de estratégias de comunicação popular:

- Contra-narrativas conectadas à organização da incidência política
- Comunicação que forma, informa e mobiliza, fortalecendo a relação com as bases políticas das organizações
- Comunicação alinhada à estrutura de governança e aos processos políticos em que atua

Esses princípios se conectam e se fortalecem mutuamente. A comunicação que forma, informa e mobiliza ganha força quando está enraizada nas bases políticas das organizações. As contra-narrativas se consolidam quando caminham junto à organização da incidência política. A comunicação alinhada à estrutura de governança sustenta coerência entre ação, discurso e prática. Juntos, esses princípios ajudam a compreender a comunicação como parte da organização coletiva, da formação política e da construção de autonomia.

Contra-narrativas

A comunicação popular se constrói também como disputa de narrativa. Os meios dominantes buscam influenciar aquilo que querem que ganhe visibilidade, definem as vozes que devem ser reconhecidas e manipulam a informação para dar sentidos aos fatos com o viés político que defendem. Quando organizações sociais e lutas populares aparecem como problema, atraso ou ameaça, existe uma tentativa de controlar o imaginário e limitar outras leituras de mundo.

A contra-narrativa se organiza como afirmação. Ela parte das próprias experiências, memórias e projetos de futuro dos sujeitos em luta. Esse processo constrói outras formas de nomear o mundo e coloca em circulação visões que historicamente foram silenciadas.

NESSE CAMINHO, DOIS MOVIMENTOS ANDAM JUNTOS.

A denúncia revela violências, ataques, desigualdades e os interesses que os sustentam.

A afirmação de caminhos para dar visibilidade aos saberes, resistências, organização, memória, dignidade e futuro.

A força está na articulação entre esses dois sentidos. A construção de contra-narrativas exige responsabilidade na organização da estratégia. Disputar narrativa envolve fazer escolhas sobre o que comunicar, como comunicar e quais impactos isso pode gerar, sobretudo em contextos onde existem riscos concretos para quem já está ameaçado. Esse cuidado faz parte da própria prática política da comunicação.

Esse processo se sustenta no protagonismo de quem vive o conflito com compromisso político nas lutas. A comunicação popular fortalece essas vozes sem apagar contradições e sem substituir protagonismos por uma linguagem moldada para agradar outros públicos. A incidência política se fortalece quando essas narrativas circulam com coerência e responsabilidade.

Estrutura Política e Organização Coletiva

A comunicação faz parte da organização política dos movimentos. Ela se conecta às formas de articulação, tomada de decisão, leitura de conjuntura e construção de estratégia coletiva. Cada processo de comunicação responde a uma estrutura política que precisa ser compreendida e respeitada.

Cada organização constrói sua legitimidade de forma própria. Existem diferentes ritmos, formas de decisão, estruturas e modos de organização. Muitas vezes, esses processos são capilares, atravessados por lideranças, instâncias coletivas, territórios e relações que não seguem uma lógica linear.

A força dos movimentos está nessa capilaridade. Uma comunicação ganha sentido quando dialoga com essa rede viva e reconhece que legitimidade se constrói no vínculo político, e não apenas na qualidade técnica.

A COMUNICAÇÃO POPULAR TAMBÉM EXIGE COMPREENDER O TEMPO POLÍTICO DE CADA GRUPO.

Por isso, toda estratégia de comunicação precisa estar alinhada com a estrutura política das organizações sociais diretamente impactadas por essa estratégia. Processos de consulta, validação, escuta e pactuação fazem parte da construção de mensagens que representem o coletivo. Respeitar esse tempo fortalece a coerência e sustenta a organização.

Esse princípio reforça que a comunicação se constrói de forma compartilhada. Lideranças, coordenações, bases políticas, juventudes e outros sujeitos participam desse processo. A técnica contribui, mas se orienta por um projeto político construído coletivamente.

Em muitos contextos, a responsabilidade pela comunicação acaba concentrada na juventude ou em jovens comunicadores. Por isso, reforçamos em nossa metodologia que as estratégias de comunicação não devem ser construídas de forma isolada por quem tem maior domínio técnico apenas.

A comunicação ganha força quando envolve diferentes sujeitos da organização, articulando experiência política para melhor leitura de contexto e prática comunicativa. Esse movimento amplia a capacidade de ação coletiva, sobretudo diante de uma correlação de forças desigual, em que os grupos a serem enfrentados concentram maior poder político e econômico. A comunicação popular se fortalece como instrumento de enfrentamento quando está sustentada pela organização interna e pelo envolvimento coletivo.

Informar, formar e mobilizar, fortalecendo as bases políticas

A comunicação popular fortalece vínculos internos e sustenta a circulação de informação dentro dos grupos sociais. Ela contribui para que as bases políticas estejam informadas, mobilizadas e em diálogo com os processos coletivos.

Entendemos como bases políticas as pessoas diretamente envolvidas nas motivações que sustentam a existência de grupos sociais e organizações políticas. São comunidades, grupos locais, organizações e sujeitos que vivem de forma direta os conflitos e os processos de resistência. Essas bases sustentam a luta no cotidiano e orientam os caminhos políticos a partir de decisões condizentes com suas realidades.

SEM BASE SOCIAL, A LUTA POLÍTICA SE ESVAZIA.

Comunicar com as bases envolve mais do que informar. Esse processo forma, consulta, escuta, devolve e constrói confiança. A comunicação fortalece a organização quando garante que quem está dentro compreende o que está acontecendo, por que as decisões são tomadas e quais caminhos estão sendo construídos.

Esse trabalho se sustenta em três movimentos que se conectam:

- **A transparência** que garante acesso à informação de forma compreensível.
- **A consulta** que envolve as bases na construção das decisões e mensagens.
- **A devolutiva** que fecha o ciclo da comunicação e fortalece o vínculo, evitando relações que apenas extraem participação.

A comunicação com as bases também pede atenção aos meios e às formas. Cada grupo social tem seus próprios canais, tempos, acordos sociais e linguagens. A escolha de como comunicar faz parte da estratégia e precisa estar conectada à realidade concreta de cada processo.

modos de trabalho

A comunicação popular acontece em diferentes tempos e responde a necessidades distintas ao longo dos processos de luta. Existem momentos de urgência, momentos de construção de direção e momentos em que o principal é sustentar o funcionamento cotidiano. Para lidar com essas variações, organizamos nossa atuação em três modos de trabalho: **emergencial, estratégico e operacional**.

TRÊS MODOS, NÃO TRÊS CAIXAS.

Esses modos se articulam entre si e podem ocorrer ao mesmo tempo dentro de um mesmo processo. Dar nome para eles ajuda a dar nitidez sobre o cenário enfrentado e sobre o tipo de resposta que a comunicação precisa construir em cada situação.

O que cada modo prioriza

- **O modo emergencial** se orienta pela resposta rápida diante de crises e situações consideradas urgentes.
- **O modo estratégico** se dedica à construção de caminhos com propósito de fortalecer a autonomia dos grupos e garantir alinhamento da comunicação com o projeto político.
- **O modo operacional** sustenta o cotidiano, garantindo que a comunicação siga ativa com organização e em funcionamento permanente.

Diferenciar esses modos contribui para qualificar as decisões e evitar distorções no trabalho. Essa leitura ajuda a compreender o tempo da ação, o tipo de resposta necessário, o grau de urgência e a relação entre aquilo que é emergencial e o que pode ser entendido com outros ritmos. Também orienta a definição de prioridades políticas em cada momento.

Com essa organização, a comunicação se torna mais coerente com as necessidades do processo, fortalecendo tanto a capacidade de resposta quanto a construção de caminhos de médio e longo prazo.

Antes de seguirmos aprofundando os modos de trabalho, queremos compartilhar nossa reflexão sobre emergência e crise para ajudar a orientar a forma como pensamos e organizamos nossas práticas.

SAIBA DIFERENCIAR EMERGÊNCIA DE CRISE

Na comunicação, a gestão de crises costuma ser tratada a partir de uma lógica corporativa ou governamental. Nesse campo, a crise aparece como um problema que ameaça a reputação de uma instituição, os interesses de um negócio ou a estabilidade de um governo. As respostas costumam se concentrar na contenção de danos e na preservação da imagem pública.

Na comunicação popular, essa leitura não dá conta da realidade. Aqui, a crise está ligada às violências que atingem povos, comunidades, grupos sociais, modos de vida e territórios ao longo do tempo. Não se trata de imagem, mas de vida concreta. Por isso, estratégias pensadas para o campo corporativo não respondem aos desafios colocados nas lutas sociais.

Fazer comunicação nas lutas é lidar com processos de violência que se repetem e se acumulam. Nesse contexto, ajuda a diferenciar emergência e crise.

Emergências são situações graves que exigem resposta imediata para salvar vidas e reduzir danos. Embora pareçam acontecer de repente, essas emergências são na verdade o resultado de processos de violência que vêm se acumulando ao longo do tempo. Por exemplo: quando uma liderança é assassinada, esse crime não acontece do dia para a noite. Os dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que registra a violência no campo desde 1985, mostram que esses assassinatos são precedidos por uma trajetória de ameaças, intimidações e violências que vão se agravando até explodir em uma situação emergencial. O mesmo acontece com despejos iminentes ou escalada de ataques contra povos indígenas, comunidades tradicionais e periféricas, assentamentos e acampamentos.

Crises são esses processos maiores e estruturais que geram as emergências. Elas se formam ao longo de anos, resultado de violências que vão se acumulando e criando as condições para que as emergências aconteçam. Uma crise muda completamente as condições de vida e as disputas políticas, criando o terreno fértil para as situações emergenciais. Um exemplo nítido foi o que aconteceu depois do golpe de 2016: os governos Temer e Bolsonaro destruíram políticas públicas que foram conquistadas com muito sangue e luta. Esse desmonte criou as condições para que explodissem os conflitos por terra e aumentasse drasticamente a violência no campo, gerando uma crise estrutural que multiplicou as emergências enfrentadas por povos indígenas e comunidades tradicionais.

Essa compreensão orienta a forma como pensamos a comunicação. Comunicar não se resume a reagir ao que acontece. Envolve construir caminhos, organizar respostas e fortalecer a capacidade de ação coletiva. A comunicação precisa informar, formar e mobilizar, contribuindo para dar visibilidade aos projetos políticos que nascem nos territórios e nas lutas.

É a partir desse entendimento que organizamos nossos modos de trabalho. Eles ajudam a ler o tempo das situações, o tipo de resposta necessária e a forma como a comunicação pode atuar com mais coerência em cada contexto.

Modo Emergencial

Há momentos em que a comunicação precisa agir no calor do acontecimento. Crises, ataques, ameaças, situações de violência, exposições indevidas e mudanças rápidas de cenário exigem resposta ágil, com foco e responsabilidade. Nesses contextos, a comunicação entra em modo emergencial.

O que o modo emergencial exige:

- nitidez sobre o que aconteceu
- definição de prioridade
- proteção das pessoas envolvidas
- alinhamento rápido
- foco no que realmente importa agora

NEM TODA URGÊNCIA PEDE EXPOSIÇÃO IMEDIATA.

Em muitas situações, o mais importante é proteger pessoas, organizar informações, alinhar posições internas e evitar que a própria comunicação amplie o dano.

Perguntas que ajudam a orientar esse processo:

- O que já está confirmado?
- Quem está em risco?
- O que precisa ser preservado em sigilo?
- Quem precisa ser ouvido antes de qualquer manifestação?
- O objetivo é denunciar, alertar, orientar, convocar, desmentir ou pressionar?

O que priorizar numa resposta emergencial:

- segurança
- informação confiável
- clareza de objetivo
- definição de porta-vozes
- escolha cuidadosa dos canais
- atenção ao tempo certo da circulação

Um cuidado fundamental. Esse modo cumpre um papel importante, mas não pode se tornar permanente. Quando tudo passa a ser tratado como urgência, a comunicação perde capacidade de construir direção para também fortalecer processos internos e sustentar ações ao longo do tempo.

Modo Estratégico

Se o modo emergencial responde ao calor do acontecimento, o modo estratégico nasce da necessidade de **construir caminho**. Ele ganha centralidade quando o desafio é fortalecer a organização, alinhar a comunicação ao projeto político, aprofundar a leitura de contexto e criar condições para sustentar a luta no longo prazo.

Perguntas que nos ajudam na organização:

- Qual a conjuntura do cenário político?
- O que estamos enfrentando?
- O que queremos afirmar?
- Quem precisamos mobilizar?
- Que capacidades já existem?
- O que ainda precisa ser construído?

COMUNICAÇÃO TAMBÉM É DIREÇÃO.

Nesse modo, a comunicação precisa atuar com ferramentas de análise, articulação, planejamento, pactuação de prioridades, organização de fluxos e fortalecimento de autonomia. Não se limita à produção de conteúdo, mas ajuda a dar direção ao conjunto da ação política.

O debate sobre comunicação nesse modo também precisa cumprir um papel formativo. Ele amplia a leitura que os movimentos fazem de si, do contexto e dos caminhos que desejam construir. Planejar comunicação é produzir alinhamento e visão comum.

A construção de autonomia é parte central desse processo. A comunicação popular deve contribuir para que os próprios movimentos ampliem sua capacidade de análise, decisão, produção e circulação de narrativas.

Com isso, o modo estratégico ajuda a consolidar horizonte político, prioridades compartilhadas, coerência entre comunicação e organização, capacidade de incidência e fortalecimento das equipes no longo prazo.

Modo Operacional

Se o modo estratégico constrói direção, o modo operacional sustenta a comunicação no cotidiano. É nele que a prática ganha ritmo, continuidade e forma concreta.

O que entra no modo operacional:

- organizar tarefas
- distribuir funções
- acompanhar calendários
- preparar coberturas
- circular mensagens
- manter canais ativos
- registrar processos
- cuidar de arquivos e fluxos de trabalho

Executar também exige leitura e critério. É no cotidiano que se identifica o que funciona, o que trava, onde há sobrecarga e onde a comunicação precisa de ajuste. A prática diária revela os limites e as potências da organização.

A EXECUÇÃO ESTÁ DIRETAMENTE LIGADA À MOBILIZAÇÃO.

Comunicar envolve fazer circular, orientar, convocar e fortalecer a ação coletiva com mais coerência e alcance.

Precisamos analisar no modo operacional:

- onde há centralização excessiva de tarefas
- onde faltam fluxos
- onde tarefas estão mal distribuídas
- onde as pessoas estão sobrecarregadas
- onde a comunicação precisa de mais organização para sustentar o trabalho

Um alerta importante. Quando o cotidiano se desconecta do projeto político, a comunicação perde sentido e vira produção automática. Quando essa conexão se mantém, a prática diária fortalece a organização e dá consistência ao conjunto da luta.

mão na terra

Depois de refletir sobre o chão político e metodológico da comunicação popular, é hora de trazer a prática para o centro.

Mão na Terra é a parte desta cartilha voltada a orientar ações de comunicação em contextos de mobilização, incidência, formação e organização coletiva.

ESTA PARTE NÃO SE PROPÕE COMO UM MANUAL FECHADO.

Reúne pistas, perguntas, apontamentos e ferramentas que ajudam no fazer cotidiano da comunicação, mantendo o vínculo com o compromisso político que sustenta essa prática

Organizamos esse conteúdo em quatro frentes que atravessam a prática:

- comunicação, narrativa e notícia
- redes e circulação
- cuidados digitais
- plano de cobertura

Todas elas partem de uma mesma compreensão: comunicar precisa de leitura de contexto, reconhecimento do terreno que se deseja caminhar, entender o momento e decidir com cuidado o que dizer e como fazer isso circular.

Comunicação, Narrativa E Notícia

Comunicar não se resume a repassar uma informação. Toda vez que comunicamos, fazemos escolhas sobre como contar, de onde partir e que sentido construir. Por isso, toda comunicação carrega uma narrativa

Narrativa é enquadramento. Uma mesma situação pode ser apresentada de formas diferentes. Um despejo pode aparecer como um procedimento legal ou como violência. Uma marcha pode ser tratada como transtorno ou como expressão legítima de luta. Antes de comunicar, é importante reconhecer qual narrativa está sendo construída

NEM TODA INFORMAÇÃO VIRA NOTÍCIA DO MESMO JEITO.

Em geral, chamamos de notícia um relato sobre um fato com relevância pública ou interesse para determinado grupo. Mas, em comunicação popular, é importante perguntar também:

- para quem essa informação importa?
- o que precisa ser compreendido?
- o que essa informação pode fortalecer a luta que estamos envolvidos?

Uma boa notícia precisa ter relevância, nitidez, contexto e compromisso com a verdade dos fatos.

A linguagem também faz parte dessa construção. Escrever de forma simples amplia o alcance sem reduzir a profundidade. O desafio está em manter uma linguagem acessível, direta, sem ser burocrática, comprometida com o sentido político do que se comunica

Antes de publicar, algumas perguntas ajudam a orientar:

- O que aconteceu de fato?
- O que está em disputa?
- Quem precisa aparecer no centro da narrativa?
- O objetivo é informar, mobilizar, denunciar, orientar ou registrar memória?
- Que contexto não pode faltar?
- Há risco em publicar isso agora?

Redes e Circulação

Comunicar envolve produzir e fazer a mensagem ‘chegar’. Pensar a circulação faz parte da estratégia, especialmente em contextos de luta

REDES NÃO SE RESUMEM A PLATAFORMAS DIGITAIS.

Elas se constroem a partir de relações de confiança e troca de experiências. A comunicação circula por grupos, reuniões, assembleias, rádios comunitárias, ações em parcerias, imprensa, sites e também pelas empresas de plataformas digitais.

Entender sobre os públicos e definir por onde a mensagem circula faz parte do trabalho político da comunicação. Cada conteúdo pede um caminho. Algumas mensagens precisam chegar primeiro às bases políticas. Outras precisam alcançar aliados, imprensa ou públicos mais amplos.

É preciso reconhecer que as plataformas digitais onde muitas dessas mensagens circulam não operam de forma neutra. O alcance de conteúdos não depende apenas da qualidade do que é produzido, mas também de regras que atendem lógicas comerciais das empresas que controlam esses espaços. Em muitos casos, conteúdos ligados a lutas sociais enfrentam redução de alcance, bloqueios ou invisibilização, enquanto narrativas baseadas em conflito, desinformação e ataque ganham mais espaço.

Um dos exemplos mais perceptíveis dessa manipulação é a sistemática redução do alcance de conteúdos que denunciam o genocídio do povo palestino, promovido pelo Regime Sionista de Israel. A Meta, empresa responsável pelo Facebook e Instagram, tem restringido esses conteúdos em nome de suas “regras de comunidade”, quando, na prática, colabora com a política neocolonial sionista que assassina milhares de pessoas há mais de 8 décadas.

A ideia de “furar a bolha” muitas vezes se impõe como prioridade, mas nem sempre conseguimos, antes disso, garantir que a mensagem chegue com nitidez às próprias bases políticas ou aliados mais próximos. Comunicar para dentro para fortalecer vínculos e garantir compreensão coletiva pode ser mais decisivo do que buscar alcance amplo sem enraizamento. Essa pode ser a contribuição das reflexões sobre Comunicação Popular que ajudam a orientar a prática diante desses desafios colocados

A lógica dessas empresas que controlam redes digitais também pressiona por velocidade e simplificação de conteúdo para gerar impacto imediato. Temas complexos passam a ser reduzidos a formatos curtos, disputando atenção em um ambiente saturado. Nesse cenário, cresce o risco de perder profundidade de contexto e sentido político da comunicação. **Por isso, pensar circulação hoje envolve também diversificar caminhos.** As redes digitais podem ser utilizadas, mas não podem ser o único espaço. É necessário fortalecer canais próprios, investir em redes de confiança, usar ferramentas que ampliem autonomia e, principalmente, manter viva a comunicação nos encontros presenciais fortalecendo redes de relações diretas.

Disputar circulação, nesse contexto, é entender que estamos atuando em um ambiente controlado por interesses que não são os nossos. Isso exige estratégia e cuidado na escolha. Mais do que buscar viralizar, importa construir mensagens que criem vínculo, sustentem processos e fortaleçam a organização coletiva ao longo do tempo.

Cuidados Digitais

Grande parte da comunicação hoje acontece em ambientes digitais. Isso amplia o alcance, mas também traz riscos. Em contextos de luta, cuidado digital faz parte da proteção das pessoas, dos territórios e dos processos políticos. Esses riscos não estão apenas no uso cotidiano, mas também na própria estrutura das tecnologias que utilizamos. As plataformas e ferramentas digitais são controladas por poucas empresas que concentram dados em uma infraestrutura com capacidade de processamento em escala global. Tudo o que circula nesses ambientes pode ser armazenado, analisado e apropriado. Textos, imagens, áudios e documentos passam a alimentar sistemas que operam a partir de uma lógica de vigilância e exploração de dados.

Se o serviço é gratuito o produto é você. Muitas vezes, esse processo acontece sem que as pessoas tenham controle sobre o que foi coletado, como será utilizado ou quem terá acesso. Os sistemas aprendem com o uso coletivo, mas não reconhecem nem devolvem esse conhecimento para quem o produziu. Além disso, os algoritmos que organizam o que vemos e o que circula refletem interesses políticos e comerciais de quem controla essas tecnologias. **Nem toda informação deve circular.** Esse cenário amplia a necessidade de cuidado. Antes de enviar qualquer conteúdo, vale refletir:

- isso precisa mesmo circular?
- quem realmente precisa receber?
- que risco essa informação pode gerar se sair do controle?

Muitos problemas também surgem no cotidiano. Pequenas ações podem gerar grandes consequências em contextos de conflito. Muitos problemas não vêm de ataques sofisticados, mas de distrações comuns:

- encaminhar mensagens sem atenção
- expor conversas privadas
- compartilhar localização em tempo real
- armazenar arquivos sensíveis sem proteção
- utilizar senhas frágeis
- publicar imagens sem revisar o que aparece nelas

Alguns cuidados ajudam a reduzir esses riscos:

- separar o que é público, interno e sensível
- proteger aparelhos e contas
- pedir consentimento antes de registrar ou publicar
- revisar arquivos antes de circular
- combinar protocolos coletivos de acesso, armazenamento e envio de materiais

A SEGURANÇA PRECISA SER PENSADA DE FORMA COLETIVA.

Não adianta um grupo ter cuidado enquanto outro atua sem critério. Definir protocolos simples sobre acesso, armazenamento e circulação fortalece a proteção do conjunto e ajuda a orientar como agir em situações de perda de aparelho, suspeita de invasão ou vazamento. Cuidar da comunicação digital também envolve compreender o ambiente em que estamos atuando. Não se trata apenas de usar ferramentas, mas de reconhecer interesses e levantar as informações sobre riscos que fazem parte dessas estruturas. Isso ajuda a tomar decisões mais conscientes sobre o que compartilhar, como compartilhar e com quem compartilhar.

Plano de Cobertura

Cobrir uma atividade exige preparação. Envolve compreender o sentido político da ação e organizar como essa comunicação vai contribuir com a luta. Um plano de cobertura ajuda a definir o que será comunicado, como isso será feito, quando os conteúdos serão publicados e por onde vão circular. Cada cobertura tem suas particularidades. Por isso, além de organizar a equipe de comunicação, é importante dialogar com quem está construindo a atividade para entender quais objetivos políticos precisam aparecer, o que deve ser priorizado e quais cuidados são necessários.

Contexto. O primeiro passo é entender o que será coberto e quais são os objetivos políticos da atividade. Essa leitura orienta as escolhas sobre que tipo de material produzir, como será feita a cobertura e quem precisa compor a equipe. Sem essa compreensão, a comunicação pode perder sentido ou não responder ao que está em jogo.

- **Objetivo:** A cobertura serve para mobilizar, denunciar, registrar memória, incidir publicamente ou orientar bases?
- **Público:** Para quem estamos comunicando?
- **Mensagem central:** O que essa ação quer afirmar? O que não pode ficar de fora?
- **Cuidados:** Que riscos existem? O que precisa ser protegido?

Programação. Conhecer a programação é fundamental. Definir dias, horários, participantes e temas junto com a organização da atividade permite organizar melhor a cobertura.

Cronograma de cobertura. A partir disso, é possível montar um cronograma com propostas de conteúdo, definindo o que será produzido em cada momento e para quais canais, como site, redes ou articulações com a imprensa.

Organização de equipe. A equipe deve ser pensada a partir das demandas do cronograma de programação. É importante entender o que precisa ser feito para identificar quem pode contribuir. Em atividades maiores, como marchas ou encontros de vários dias, pode ser necessário organizar uma cobertura colaborativa, envolvendo mais pessoas no processo. Mesmo em coberturas pequenas, vale definir:

- quem escreve
- quem registra
- quem edita
- quem responde urgências
- quem valida conteúdos mais sensíveis

Orientações e boas práticas. Coberturas costumam envolver diferentes pessoas, com trajetórias e experiências diversas. Por isso, é importante combinar previamente orientações que garantam respeito, cuidado e coerência com os princípios da organização. Isso inclui definir formas de abordagem, uso de linguagem, limites de registro e publicação, além de respeitar decisões coletivas sobre o que pode ou não ser divulgado.

Estratégia de difusão. Pensar a circulação dos conteúdos é parte central da cobertura. Organizar uma rede de aliados, parceiros e veículos que possam ajudar a difundir as informações amplia o alcance das ações. Esse movimento começa antes da atividade, com articulação prévia, e segue durante e depois da cobertura, garantindo continuidade na circulação das mensagens. Um plano de cobertura bem organizado fortalece a comunicação como parte da estratégia política, garantindo que o que acontece na atividade tenha sentido, alcance e continuidade.